



Terra e Sal

Das antigas sociedades
camponesas ao fim dos
tempos modernos

**ESTUDOS OFERECIDOS A
CARLOS TAVARES DA SILVA**

Victor S. Gonçalves (ed.)

Terra e Sal

Das antigas sociedades
camponesas ao fim dos
tempos modernos

**ESTUDOS OFERECIDOS A
CARLOS TAVARES DA SILVA**

Terra e Sal

Das antigas sociedades
camponesas ao fim dos
tempos modernos

**ESTUDOS OFERECIDOS A
CARLOS TAVARES DA SILVA**

Victor S. Gonçalves (ed.)

estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)
Direcção: Ana Catarina Sousa
Série fundada por Victor S. Gonçalves (1985)

16.

GONÇALVES, V. S., ed. (2021) – *Terra e Sal. Das antigas sociedades camponesas ao fim dos tempos modernos. Estudos oferecidos a Carlos Tavares da Silva*. estudos & memórias 16. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. Workgroup on Ancient Peasant Societies (WAPS). 448 p.

Capa: Victor S. Gonçalves e TVM designers. Garvão, detalhe de Deusa do século 3.º a.n.e. Foto: Rosa Nunes. Contracapa: 2013. Carlos Tavares da Silva em Monsaraz. Foto Joaquina Soares.

Paginação e artes finais: TVM designers

Impressão: AGIR, Produções Gráficas
300 exemplares
ISBN: 978-989-53453-1-1 / Depósito Legal: 493591/21
DOI: <https://doi.org/10.51427/10451/50508>

Copyright textos e imagens ©, 2021, os autores.

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi livre opção de cada autor. Os autores são responsáveis pelos seus originais, respeitando a UNIARQ a sua autoria e não sendo responsável por quaisquer elementos que, de alguma forma, possam prejudicar terceiros.

Lisboa, 2021.

Volumes anteriores de esta série:

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. (estudos & memórias 1) Lisboa: Uniarch/ INIC. 321 p.

GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 Volumes. (estudos & memórias 2). Lisboa: CAH/Uniarch/INIC. 566+333 p.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. (estudos & memórias 3). Lisboa: UNIARQ. 670 p. 978-989-95653-4-0open

QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. (estudos & memórias, 4). Lisboa: UNIARQ. 488 p. 978-989-95653-7-1

ARRUDA, A. M., ed. (2013) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar, 1. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos* (estudos & memórias 5). Lisboa: UNIARQ. 506 p. 978-989-95653-9-5

ARRUDA, A. M., ed. (2014) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar, 2. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. (estudos & memórias 6). Lisboa: UNIARQ. 698 p. 978-989-95653-9-5

SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. (estudos & memórias 7). Lisboa: UNIARQ. 449 p. 978-989-99146-0-5

GONÇALVES, V. S.; DINIZ, M.; SOUSA, A. C., eds. (2015) – *5.º Congresso do Neolítico Peninsular. Actas*. (estudos & memórias, 8). Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 661 p. 978-989-99146-1-2

SOUSA, A. C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C., eds. (2016) – *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. (estudos & memórias 9). Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 623 p. 978-989-99146-2-9

GONÇALVES, V. S., ed. (2017) – *Sinos e Taças. Junto ao oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. (estudos & memórias 10). Lisboa: UNIARQ / FL-UL. 370 p. 978-989-99146-5-0

GONÇALVES, V. S., SOUSA, A. C. (2018) – *Casas Novas, numa curva do Sorraia (no 6.º milénio a.n.e. e a seguir)* (estudos & memórias, 11). Lisboa: UNIARQ/ FL-UL, 280 p. 978-989-99146-6-7

MORÁN HERNÁNDEZ, M. E. (2018) – *El Asentamiento Prehistórico de Alcalar (Portimão, Portugal). La organización del territorio y el proceso de formación de un estado prístino en la Bahía de Lagos en el Tercer Milenio A.N.E* (estudos & memórias, 12 UNIARQ). Lisboa: UNIARQ/ FL-UL, 312 p. 978-989-99146-7-4

ARRUDA, A. M.; FERREIRA, D.; SOUSA, E. (2020) – *Cerâmicas Gregas do Castelo de Castro Marim*. (estudos & memórias, 13 UNIARQ). Lisboa: UNIARQ/ FL-UL, 113 p.

SOUSA, A. C.; BRAGANÇA, F.; TORQUATO, F.; KUNST, M. (2020) – *Georg e Vera Leisner e o estudo do Megalitismo no Ocidente da Península Ibérica. Contributos para a história da investigação arqueológica luso-alemã através do Arquivo Leisner (1909-1972). I Georg und Vera Leisner und die Megalithgräberforschung im Westen der Iberischen Halbinsel. Beiträge zur portugiesisch-deutschen Forschungsgeschichte der Archäologie im Spiegel des Leisner-Archivs (1909-1972)* (estudos & memórias, 14 UNIARQ). Lisboa: UNIARQ/ IAA / DGPC, 704 p.

PEREIRA, Carlos; ALBUQUERQUE, Pedro; MORILLO, Angel; FABIÃO, Carlos; CHAVES, Francisca, eds. (2021) – *De Illipa a Munda. Guerra e conflito no Sul da Hispânia*. estudos & memórias, 15. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. 338 p.

ÍNDICE

A TORRADA E O PIRES. ALGUMAS COISAS QUE EU SEI E OUTRAS QUE NÃO POSSO CONTAR (E, POR ISSO, NÃO CONTO) 9

VICTOR S. GONÇALVES

PARA A HISTÓRIA DE UM PERCURSO 15

ANA CATARINA SOUSA

Carlos Tavares da Silva conversa com Ana Catarina Sousa 15

Bibliografia 25

Algumas imagens de um percurso 41

LISTA DE CONTRIBUTOS

UM PRELÚDIO

O Vale de Muge no contexto do Mesolítico atlântico da Península Ibérica 59

NUNO BICHO · CÉLIA GONÇALVES · JOÃO CASCALHEIRA
CLÁUDIA UMBELINO, RICARDO MIGUEL GODINHO · CLÁUDIA COSTA

AS ANTIGAS SOCIEDADES CAMPONESAS

E depois da Revolução...(Neolítica)? Materialismo e materiais do Ocidente Peninsular, em debate 75

MARIANA DINIZ

Fossas rituais, não funerárias, em aldeia do V milénio A. C. (Castelo Belinho, Portimão, Algarve) 89

MÁRIO VARELA GOMES

Economia Agro-Marítima em tempos neolíticos na fachada atlântica Portuguesa. Breve Balanço 107

JOAQUINA SOARES

NEOLÍTICO MÉDIO?

- O Neolítico Médio no Maciço Calcário Estremenho. 133
Cronoestratigrafia e povoamento
ANTÓNIO FAUSTINO CARVALHO
-
- O conjunto artefactual do Neolítico médio da Sala do Ricardo,
Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas) 153
FILIPA RODRIGUES · JOÃO ZILHÃO
-

O 3.º MILÉNIO E O QUE VEM IMEDIATAMENTE ANTES

- A propósito de algumas placas votivas da Anta Grande da Comenda
da Igreja (Montemor-o-Novo, Alentejo médio): breves leituras,
esperando outras, mais extensas e sistemáticas 167
VICTOR S. GONÇALVES · MARCO ANDRADE
-
- Cloak and Dagger: a problemática das grandes pontas bifaciais
no Maciço Calcário Estremenho 199
DANIEL VAN CALKER
-
- A morte à espreita: a possível estrutura funerária calcolítica
da Ota (Alenquer) 207
ANDRÉ TEXUGO
-
- O lingote de cobre calcolítico da Folha do Ouro 1 (Serpa) –
análise química, microestrutural e isotópica 219
ANTÓNIO M. MONGE SOARES · PEDRO VALÉRIO
ANTÓNIO CARLOS VALERA
-
- Um bom Tipo: questões em torno às tipologias das formas cerâmicas
do 3.º milénio a.n.e. do Sul de Portugal: 233
CATARINA COSTEIRA · RUI MATALOTO
-
- Coleccionadores de fósseis: os dentes de tubarão miocénicos
das estações pré-históricas portuguesas 249
JOÃO LUÍS CARDOSO
-

OS FENÍCIOS E A IDADE DO FERRO EM PORTUGAL

- Alcácer do Sal e os fenícios no baixo Sado 273
ANA MARGARIDA ARRUDA
-
- Algumas notas sobre as ânforas da Idade do Ferro no estuário do Sado 287
ELISA SOUSA
-
- A mão, o fuso e o tear: notas sobre o contexto e a organização
da produção têxtil na Idade do Ferro do Sul de Portugal 301
FRANCISCO B. GOMES
-

Uma conta vidrada proto-histórica da Gruta do Caldeirão
(Tomar, Portugal) 313

JOÃO ZILHÃO · ANTÓNIO P. GONÇALVES · LUÍS C. ALVES
ANTÓNIO M. MONGE SOARES

Em torno da estela do Telhado (Fundão):
um ensaio de arqueologia micro-regional 325

RAQUEL VILAÇA

A OCUPAÇÃO ROMANA E A ROMANIZAÇÃO DO SUL DO TERRITÓRIO HOJE PORTUGUÊS

De Chibanes a Monte dos Castelinhos: uma leitura
sobre os primórdios da produção anfórica na Lusitânia 345

JOÃO PIMENTA

Contributos de Carlos Tavares da Silva sobre a ocupação
romana-republicana da foz do Sado 359

CARLOS PEREIRA

O monumento epigráfico de Palmares (Lagos) 371

AMÍLCAR GUERRA · TIAGO NUNES

A ocupação romana e Zooarqueologia na região de Setúbal:
cinco séculos de restos de animais 381

CLEIA DETRY

Revisitando as ânforas de São Bartolomeu de Castro Marim.
Velhos e novos dados sobre a primeira publicação de ânforas
da Lusitânia 391

RUI ROBERTO DE ALMEIDA · CATARINA VIEGAS · ANTÓNIO CARVALHO

NOS TEMPOS MEDIEVAIS E MODERNOS

Pesca sazonal, no século XII, na costa ocidental do Algarve –
O caso da Ponta do Castelo (Carrapateira, Aljezur) 425

ROSA VARELA GOMES

A Península de Setúbal na Idade Moderna.
Identidade, Comércio e Globalização (1495-1809) 437

TÂNIA MANUEL CASIMIRO

CONTRIBUTOS DE CARLOS TAVARES DA SILVA SOBRE A OCUPAÇÃO ROMANA-REPUBLICANA DA FOZ DO SADO

CARLOS PEREIRA¹

RESUMO

Carlos Tavares da Silva construiu uma longa carreira sem nunca perder a ligação à sua origem. Co-fundador do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, realizou trabalhos diversos acerca das ocupações e vestígios das comunidades antigas do vale do Sado e arredores. Procurámos, com as breves linhas que se seguem, descrever os trabalhos por si realizados, ou em colaboração, acerca dos vestígios da ocupação romana-republicana. Esta análise levou-nos inevitavelmente a sítios como Chibanes, Pedrão, Alcácer do Sal e Castelo dos Mouros. Apesar desta ligação ser já longa, a investigação mantém-se em alguns deles.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Militar; Vale do Sado; Chibanes; Pedrão; Setúbal.

ABSTRACT:

Carlos Tavares da Silva has built a long career without ever losing the connection to his origin. Co-founder of the Museum of Archaeology and Ethnography of Setúbal, he accomplished several works on the occupations and remains of the ancient communities of the Sado valley and its environs. With this paper, we have tried to describe the works he has done, itself or in collaboration, about the vestiges of the Roman-Republican occupation. This analysis inevitably took us to places like Chibanes, Pedrão, Alcácer do Sal and Castelo dos Mouros. Although the study started a long time ago, the investigation remains in some of them.

KEY-WORDS: Military Archaeology; Sado valley; Chibanes; Pedrão; Setúbal.

¹ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia. carlos_samuel_pereira@hotmail.com / ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4116-3602>

1. INTRODUÇÃO

Tortuoso é o caminho que deixa um espectro da senda percorrida.

Com esta frase pretendemos dar início a uma breve exposição dos trabalhos e estudos dedicados pelo setubalense Carlos Tavares da Silva à Arqueologia, em geral, mas, sobretudo, aos vestígios das ocupações romanas-republicanas. A frase pretende expor duas das, para nós, principais características do seu percurso. O adjectivo utilizado para descrever o «caminho» pretende reflectir a característica versátil e ecléctica que define, em parte, o seu percurso científico. Carlos Tavares da Silva não limitou os seus estudos a um período histórico concreto, nem a um tema específico. Esta obra é mostra dessa realidade. Os trabalhos dedicados aos vestígios das ocupações romanas-republicanas são uma pequena parte daquilo que foi conseguido.

Por outro lado, deve reconhecer-se que o «caminho» percorrido por alguns é mais visível que o de outros. O «espectro» referido não deve, neste caso, ser entendido pelo sentido lato, mas sim pelo da física. Assim, o percurso que escolhemos pode deixar um rasto espectral, mais ou menos evidente, das nossas actividades, da nossa produção científica, da relação com os outros, ... Em definitiva, dos nossos passos. Carlos Tavares da Silva é, em todas estas nuances, alguém que tem deixado a sua marca.

Pelo que se mencionou antes, nestas páginas faremos apenas uma observação parcelar ao percurso e aos estudos realizados a sítios concretos, nos quais foram registadas ocupações romanas-republicanas. Com efeito, retroceder nos passos dados por outrem é uma tarefa difícil, por vezes injusta, que nem sempre é conseguida de uma forma plena. Correndo esse risco, retrocedeu-se ao tempo em que três colegas de liceu, Carlos Tavares da Silva, Victor dos Santos Gonçalves e Mateus Gonçalves Cabrita, organizaram as jornadas dedicadas a António Marques da Costa. Partindo desse momento, tentou-se reconstituir o caminho, procuraram-se imagens daquela vontade jovial e o resultado foi tão-somente flashes mais ou menos nítidos das agências de uma vida.

2. A ÍNFIMA PARTE DE UM TODO

Embora o percurso geral deste investigador setubalense seja multifacetado e a sua primeira publicação, mesmo antes de cumprir os vinte anos, tenha sido dedicada ao estudo da malacofauna do Castro de Rotura (Tavares da Silva e Cabrita, 1963), dedicou abundantes estudos à época romana e contribuiu para o aumento do conhecimento dos vestígios desse período. Com efeito, volvido um ano da publicação daquele trabalho, os mesmos autores (1964) dedicaram várias páginas aos ditos vestígios registados na cidade sadina, debatendo a localização da *Caetobriga* mencionada nas fontes clássicas e expondo argumentos em favor dessa relação. Este trabalho foi resultado da apresentação nas Jornadas dedicadas a António Marques da Costa, realizadas em 1963 e organizadas por Carlos Tavares da Silva, Victor Gonçalves e Mateus Cabrita, que pretenderam dar a conhecer manuscritos inéditos do então homenageado.

Aquela obra, porém, não foi unicamente dedicada aos vestígios encontrados na cidade de Setúbal, apresentando-se igualmente vestígios de outros sítios do concelho. Deve dizer-se, também, que, embora os autores se apoiem fortemente nas informações antes dadas por personalidades da Arqueologia Portuguesa que por aí passaram, sendo exemplos o próprio Marques da Costa, mas também Leite Vasconcelos, fica claro que grande parte dos argumentos esgrimidos estão referendados por trabalhos de campo (Tavares da Silva e Cabrita, 1964: 14-15) e pelo reconhecimento real de cada estação arqueológica. Com efeito, os próprios referem expressamente ter recolhido materiais romanos em alguns dos sítios abordados.

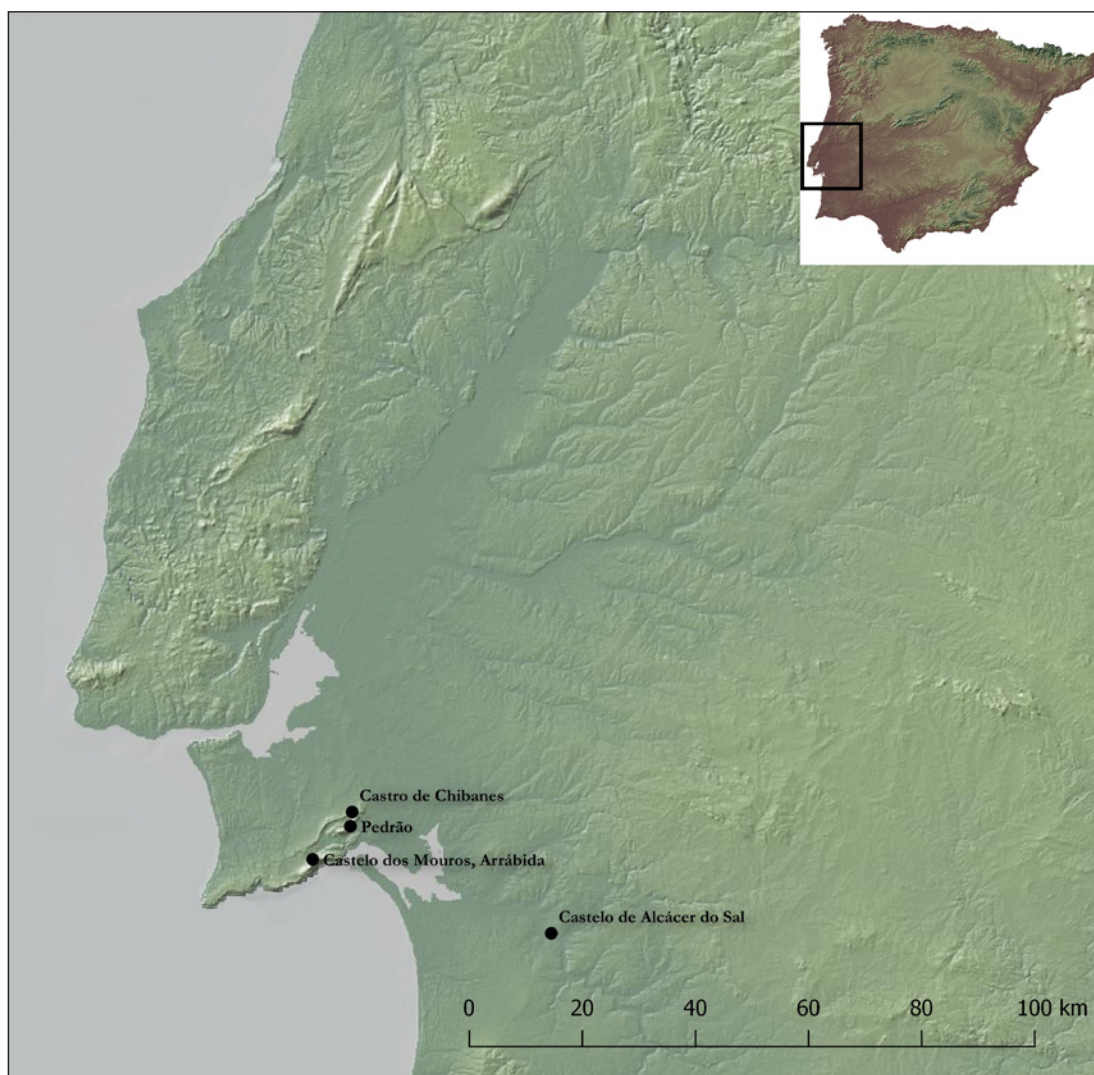


FIG. 1. Localização dos sítios mencionados no texto. Mapa de base Global Multi-Resolution Topography 3.7 (adaptado).

São relevantes para esta breve síntese, contudo, as linhas dedicadas aos sítios de Chibanes e de Pedrão (fig. 1). Sobre o primeiro, os autores limitaram-se a expor a opinião de Marques da Costa (1910), que relacionava este local com a *Caetobriga* céltica, opinião retomada mais tarde por Bandeira Ferreira (1959), mas detêm-se um pouco mais na descrição de Pedrão e dos achados que aí haviam sido feitos. Provavelmente, a maior atenção dada a este sítio deveu-se ao facto de aí terem realizado breves trabalhos de escavação (Tavares da Silva e Cabrita, 1964: 30), que, aliás, viriam a resultar na publicação conjunta do ano seguinte (Tavares da Silva e Cabrita, 1965).

Embora com este trabalho não tenham demonstrado os vestígios das ocupações romanas-republicanas no concelho, Carlos Tavares da Silva e Mateus Gonçalves Cabrita haviam realizado os primeiros trabalhos de campo que uniram um deles com alguns desses sítios até aos dias de hoje. Prova disso é a publicação dos autores antes mencionada, dedicada à *Estação arqueológica do Pedrão* e com a qual mantiveram a colaboração iniciada anos antes. Esse estudo pretendeu dar a conhecer o resultado dos primeiros trabalhos realizados no sítio, tendo identificado duas fases de ocupação: uma do Calcolítico; outra Lusitano-Romana.

Todavia, o percurso dos dois setubalenses viria a divergir poucos anos depois, não sem antes essa colaboração resultar em mais trabalhos publicados, dedicados a outros temas (1966). Contudo,

consequentemente à conclusão de licenciatura em Medicina de um deles, no ano de 1972, os dois condiscípulos, que na verdade eram três, enveredaram por caminhos distintos. Nesta altura Carlos Tavares da Silva incorporava já a Junta Nacional de Educação e, nesse ano, integrou a equipa do Gabinete da Área de Sines.

Assim, os trabalhos que vinham sendo desenvolvidos no Pedrão foram tomando outro rumo, desde 1970 co-dirigidos com Otávio da Veiga Ferreira e, depois, com Joaquina Soares. Estas novas colaborações resultaram em outra publicação dedicada ao sítio (Soares e Tavares da Silva, 1973). A construção deste estudo foi estimulada também pela recolha de materiais à superfície do terreno que sugeriam e reforçavam os vestígios de uma ocupação romana-republicana, concretamente cerâmica de verniz negro itálico e moedas (*ibidem*: 7). Nesse mesmo ano foi igualmente publicado um estudo, a três punhos, que analisou o conjunto numismático do sítio (Tavares da Silva, Soares e Santos, 1973).

Com estes estudos, resultado dos vários trabalhos de campo, ficava evidenciado que o sítio do Pedrão conservava uma importante ocupação daquela cronologia (fig. 2), patente nas ânforas, na cerâmica de verniz negro itálico, mas também no importante conjunto numismático. Reflectindo sobre os critérios de implantação e a cultura material, os autores consideraram que a fase «proto-romana», à qual ainda se havia sobreposto uma «lusitano-romana», evidenciava um contacto entre as comunidades autóctones e os agentes itálicos, não sem alertar para as devidas contingências. Estas reflexões, acompanhadas por uma detalhada descrição da arquitectura e dos materiais, alguns de utilização militar, foram rematadas por uma datação situada entre os «finais do século II a cerca de 25 a.C.» (Soares e Tavares da Silva, 1973: 41), datação bastante ajustada.

Volvida mais de uma década, os mesmos autores insistem na filiação da arquitectura documentada com o mundo indígena (Tavares da Silva e Soares, 1986: 141; Tavares da Silva, 2001: 85),

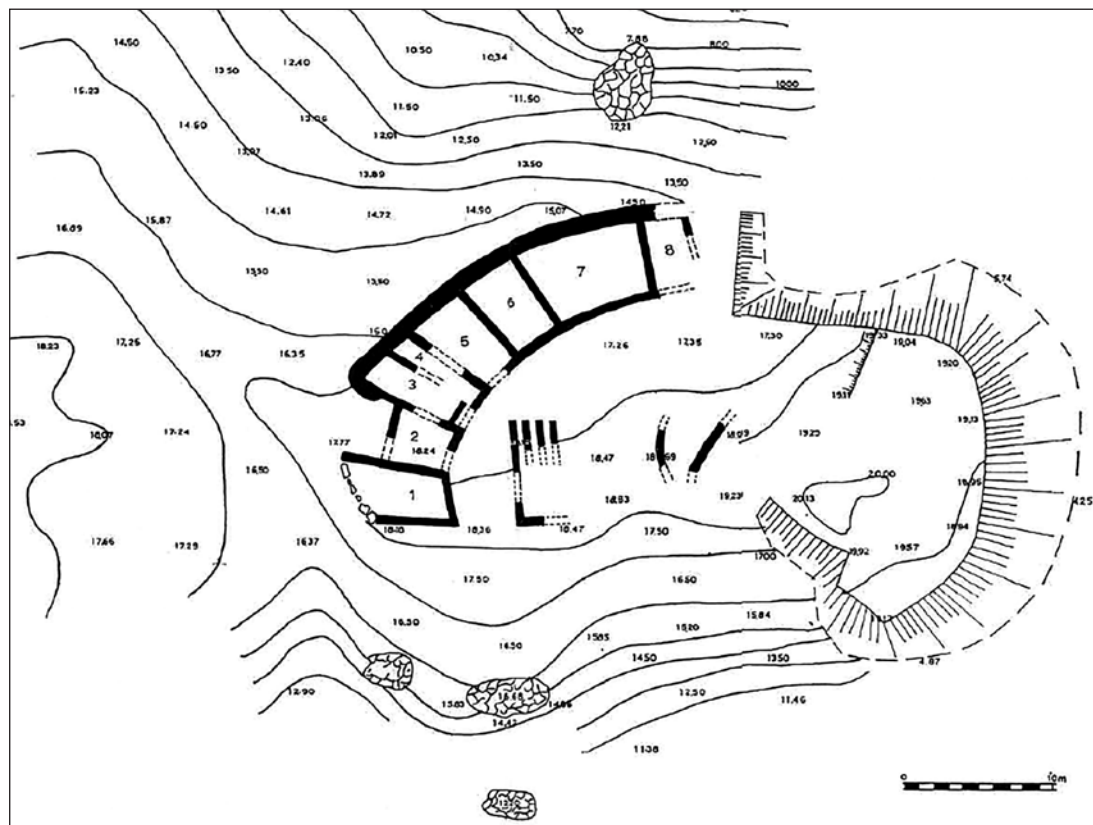


FIG. 2. Planimetria do sítio do Pedrão, retirado de Soares e Tavares da Silva, 1973.

situação que foi sendo matizada (Fabião, 2004: 63-64; 2007: 126). Apesar disso, parece importante voltar a alguns argumentos para os quais temos hoje mais dados e que fortalecem a eventual utilização daquele espaço e daquelas estruturas desligada, pelo menos de uma forma directa, das comunidades indígenas.

Além da pretensa existência de estruturas pertencentes a um celeiro (Fabião, 2007: 126), edifício que está frequentemente associado a presenças militares romanas (Salido, 2009), conhecemos cada vez mais ocupações militares com as mesmas características arquitectónicas e planimétricas, elevadas em condições topográficas semelhantes. Conquanto não sejam de dimensão tão reduzida, estes recintos são de pequenas dimensões e não se confinam a uma área concreta da Península Ibérica, sendo exemplos o Cerro del Trigo (Adroher *et al.*, 2006), Tossal de la Cala (Bayo, 2014; Doménech, 2014; Sala-sellés *et al.*, no prelo); Puig Castellar (Pera *et al.*, 2019) ou Cáceres Viejo de Santa Marina (Pereira e Dias, 2020).

O melhor e mais recente exemplo destas realidades é o fortim de Tossal de la Cala (Sala-Sellés *et al.*, no prelo), cuja arquitectura é similar à do Pedrão. Também neste caso se considerou inicialmente uma utilização das construções como *oppidum* ibérico, mas concluindo-se, com bastante precisão, tratar-se de uma fortificação romana-republicana adaptada a uma topografia concreta. Em ambos, embora a diferentes escalas, se pode observar um urbanismo desenvolvido em redor do cume dos cerros, que se corresponde a blocos simples de edificios modulares. Tal como os autores que reinterpreteram as construções de Tossal de la Cala consideraram para o sítio do levante, também aqui parece evidente uma semelhança com modelos de aquartelamento militar, que se adossam à estrutura mais robusta, a qual corresponderia ao paramento exterior do recinto. Estas construções militares, decorrentes da própria evolução das técnicas de castrametação romana, já foram consideradas adaptações em circunstâncias concretas (Morillo, 2014; 2016: 16-29), que têm a sua génese nos modelos de fortificação de tradição helenística utilizados durante momento tardo-republicano (Sala-Sellés *et al.*, no prelo).

De facto, cada vez mais recintos, antes considerados ibéricos, têm sido (re)interpretados como modelos romanos de implantação militar (Morillo, 2004: 205-206). São geralmente de reduzida dimensão, implantados em posições geográficas dominantes e estratégicas, planeando um eventual controlo territorial. Embora se assumam uma certa diversidade na dimensão e na forma, que, como se disse, é adaptada ao terreno, parece adequada a classificação que lhes vem sendo atribuída (Morillo, 2016). No caso do Pedrão, os contributos de Carlos Tavares da Silva foram preponderantes para que, com a evolução do conhecimento sobre a Arqueologia Militar Romana, possamos considerar aquele estabelecimento como um fortim ou, se se preferir, como um «pequeno forte romano» (Fabião, 2004: 64).

Mais difícil é, por ora, determinar um momento mais concreto da ocupação militar, já que estes recintos, para os quais não existe ainda uma tipificação **devidamente estruturada, oferecem** **datações** compreendidas entre o final do século II a.C. e o final da centúria seguinte. Se considerarmos a eventual preponderância de cerâmica de verniz negro itálico caleno e a presença de produções do vale do Guadalquivir, quer de cerâmica comum (Soares e Tavares da Silva, 1973: est. II, n.º 10; Fabião, 2004: 63) quer de ânforas (fig. 3), como parece ser o caso de um bordo pertencente a uma ovóide 5 (Soares e Tavares da Silva, 1973: est. VI, n.º 42), não é improvável que este local tenha sido utilizado durante o segundo e terceiro quartéis do século I a.C.

Pouco tempo depois da publicação dos resultados obtidos no fortim do Pedrão, em 1976, na área do castelo de Alcácer do Sal apareceram estratos e estruturas arqueológicas quando se procedeu ao desaterro para construção de uma cisterna (Tavares da Silva *et al.*, 1980-81: 149). João Rosa Viegas, atendendo à irremediável situação, limitou-se a realizar uma intervenção de emergência na qual crivou e recolheu os materiais resultantes da destruição, publicados pouco tempo depois (Alarcão, 1978; Dias, 1978; Soares, 1978).

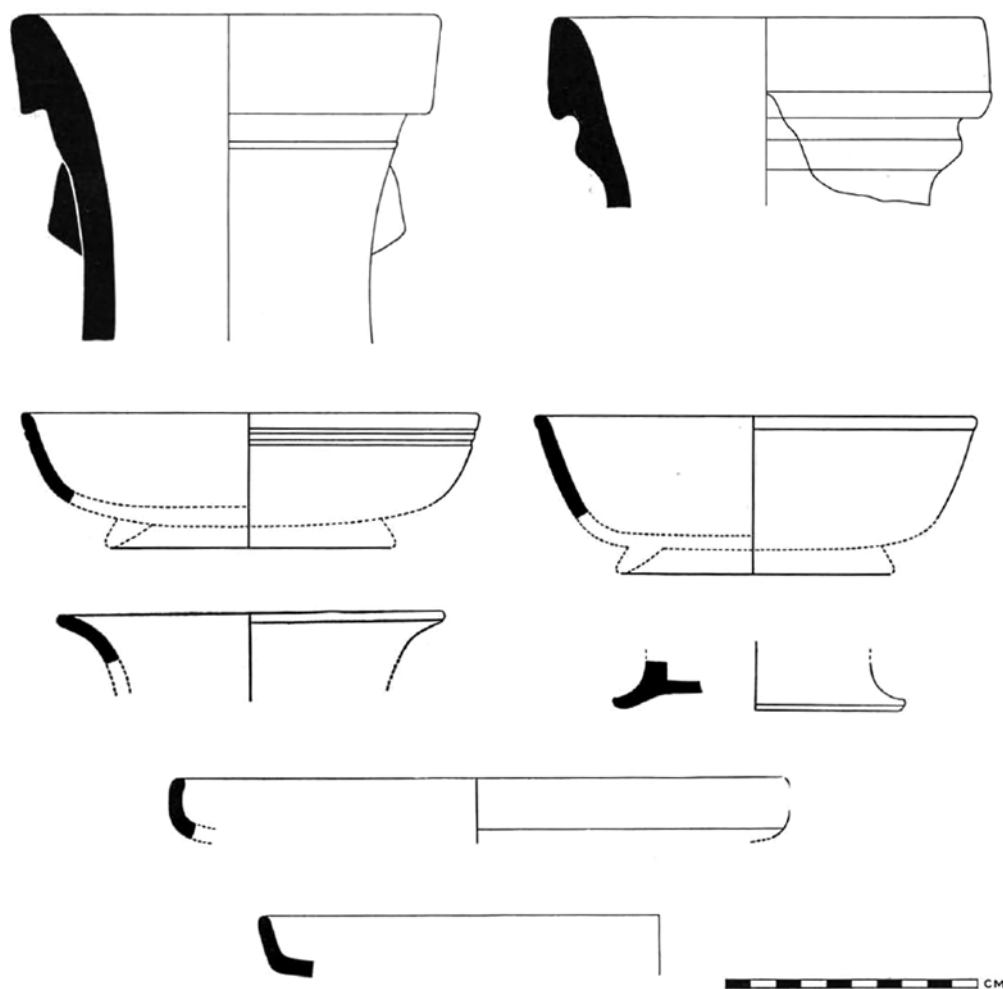


FIG. 3. Selecção de materiais cerâmicos de Pedrão, retirado de Soares e Tavares da Silva, 1973 (adaptado).

A existência de níveis, estruturas e artefactos bem conservados fomentou a realização de intervenções no local que permitiram diagnosticar o subsolo com mais detalhe (Soares e Tavares da Silva, 1980; Tavares da Silva *et al.*, 1980-81). Também neste caso Carlos Tavares da Silva assumiu um papel relevante na equipa, tendo coordenado a escavação, realizada em 1979, mas delegando o estudo dos materiais romanos a outros membros, concretamente a Luísa Ferrer Dias e a Antónia Coelho-Soares. Embora não tenha assumido o estudo dos vestígios de época Romana-Republicana registados na área do castelo de Alcácer do Sal², Carlos Tavares da Silva evocou um papel activo na construção do trabalho científico e na reconstituição da história daquele local.

No ano de 1981 a mesma área foi intervencionada (Soares e Tavares da Silva, 1982; 1984), mas nos dois anos seguintes Cavaleiro Paixão dirigiu a intervenção ocorrida, na área do convento da Nossa Senhora de Aracaeli. Esta mesma área viria a ser intervencionada em 1993-94, trabalhos agora co-dirigidos com João Carlos Faria. Quer na área do castelo escavada a Este, quer na área intervencionada a Oeste foram identificados importantes estratos da ocupação romana-republicana que atestam a importância deste núcleo nessa fase.

² Sobre a distribuição das tarefas atribuídas a cada membro da equipa, *videm* Tavares da Silva *et al.*, 1980-81: nota 1.

Todavia, apesar da ampla área intervencionada na década de 90, os estudos da equipa liderada por Carlos Tavares da Silva continuam a ser relevantes para a compreensão da sequência da ocupação do cerro onde se implanta o castelo. Esta situação tem justificado as constantes dúvidas e desconhecimento das dinâmicas da urbe romana, mas parece evidente que a área do cerro do castelo esteve ocupada durante o último terço do século II a.C. e a centúria seguinte (Diogo, 1980; Tavares da Silva e Soares, 1980-81: 213; Faria, 1992; Sepúlveda *et al.*, 2001), estando documentada pelas cerâmicas de verniz negro itálico (napolitanas, calenas e GBR) e ânforas de tipo Lamboglia 2 e Maña C2 hispânicas (Diogo e Alves, 1988-89; Fabião, 1989: 95), para além das itálicas.

Enquanto decorriam as intervenções no castelo de Alcácer do Sal, agora com outros intervenientes, Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares retomavam as escavações no Castro de Chibanes (Tavares da Silva e Soares, 1997: 1012), dando continuidade aos trabalhos de António Marques da

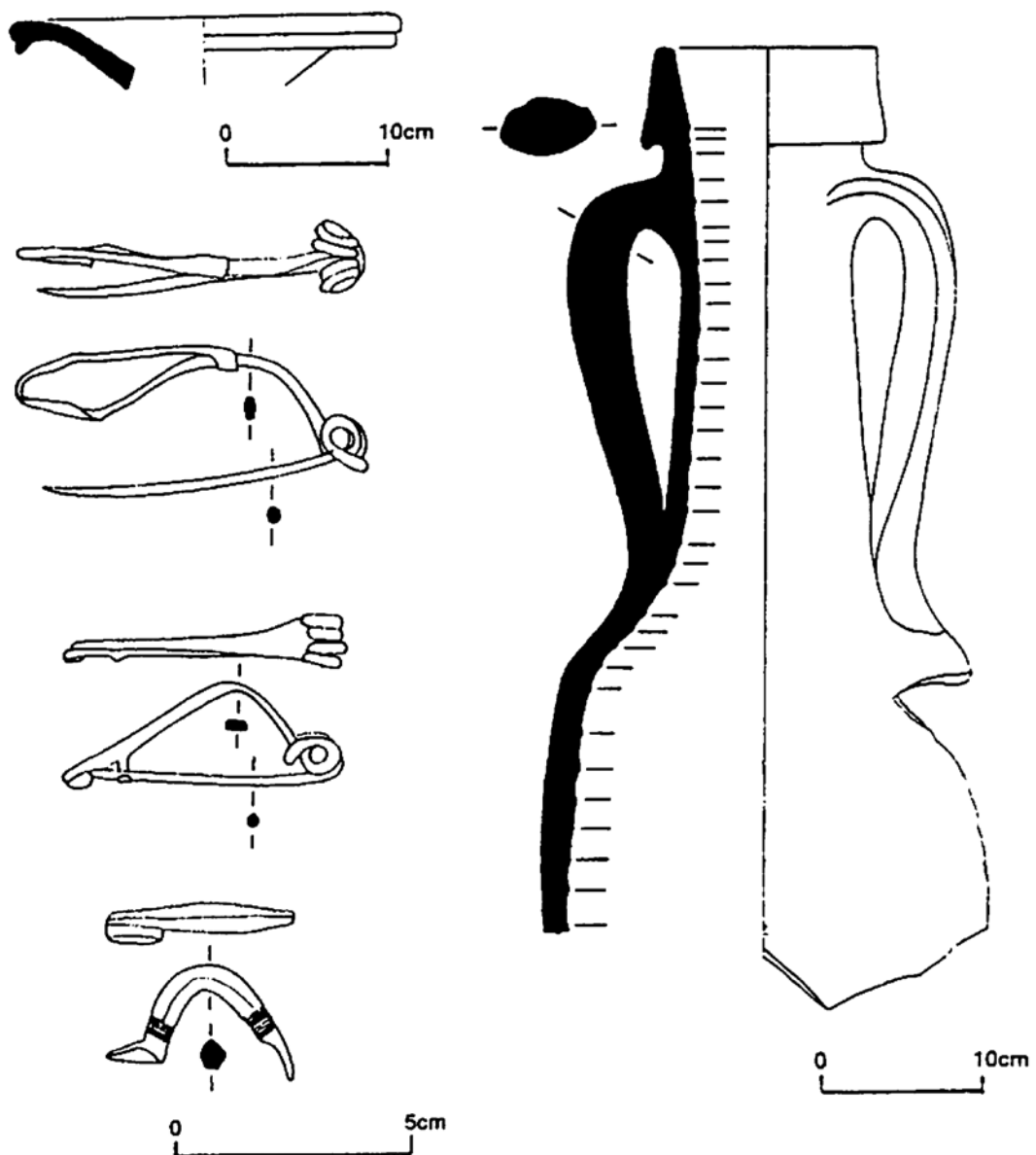


FIG. 4. Selecção de materiais de Chibanes, retirado de Tavares da Silva e Soares, 1997; reproduzido em Tavares da Silva, 2001 (adaptado).

Costa (1910), sítio ao qual mantiveram uma ligação, embora com algum interregno, até à actualidade. É relevante o contributo dos autores, sobretudo na leitura e interpretação de um considerável palimpsesto de estruturas que se sucederam e de que a muralha defensiva é especial exemplo (Tavares da Silva, 2001: 85; Soares *et al.*, 2019; Pimenta *et al.*, 2019: 46). Não obstante a evidente ocupação romana-republicana do sítio (fig. 4), que desde um primeiro momento se ponderou sobre a sua relação à *Caepiana* das fontes literárias (Tavares da Silva e Cabrita, 1964: 16), nota-se uma evidente evolução na interpretação da ocupação deste aglomerado durante os dois últimos séculos antes da viragem da Era (Soares *et al.*, 2019). Aquela relação foi considerada na esteira do que outros autores haviam meditado (Costa, 1926), tendo sido desenvolvida, mais tarde, por Amílcar Guerra (2004).

Com efeito, no que à ocupação romana-republicana diz respeito, as questões e hesitações sentidas no início dos trabalhos (Tavares da Silva e Soares, 1997: 59-61; Tavares da Silva, 2001: 85) foram sendo colmatadas pela continuidade das escavações e pelas constantes reflexões exercitadas em prol da produção científica. Desnecessário será realizar aqui uma suma do que se conhece deste sítio, pois os recentes trabalhos desenvolvidos pela equipa do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) falam por si (Tavares da Silva e Soares, 2012; Soares e Tavares da Silva, 2014; Soares *et al.*, 2019; Tavares da Silva *et al.*, 2019), não poucas vezes em colaboração com outros investigadores (Detry *et al.*, 2017; Pimenta *et al.*, 2019). Merece destaque, ainda assim, que os argumentos arqueológicos esgrimidos pelos autores deixam cada vez mais claro que o sítio foi alvo de uma importante ocupação militar que transformou o sistema defensivo do aglomerado que se lhe subpõe, da mesma forma que o anulou no momento final da ocupação.

Conquanto sobre este sítio o contributo tenha sido mais modesto, não podemos deixar de mencionar as constantes referências feitas ao Castelo dos Mouros (Arrábida), inicialmente dado a conhecer por Joaquim Rasteiro (1897: 33), mas para o qual Carlos Tavares da Silva constantemente chamou a atenção (2001: 83; Soares e Tavares da Silva, 1973; Tavares da Silva e Soares, 1986: 140-149; 1997: 61), considerando-lhe uma ocupação similar à de Pedrão ou de Chibanes.

3. EM SUMA

Se, em 1975, D. Fernando de Almeida escreveu que «Em Setúbal não houve até agora, que saibamos, um arqueólogo notável que aqui tivesse vindo ao mundo [...]» (1975: 17), sem margem para grande erro podemos afirmar agora que Setúbal foi o berço de importantes arqueólogos que deixaram a sua marca. São bastante evidentes e profícuos os resultados da dedicação de Carlos Tavares da Silva à cultura e património do distrito de Setúbal, mas também à Arqueologia em geral.

Energicamente activo desde os tempos de liceu, o percurso deste arqueólogo setubalense é singular pela sua diversidade, tendo deixado uma marca perene na História da Arqueologia. Conquanto se tenha dedicado particularmente a outros períodos históricos e também a outros temas de investigação, o contributo dado sobre a ocupação romana-republicana do vale do Sado abriu horizontes que permitiram, e continuarão a permitir, conhecer cada vez com mais detalhe a presença militar romana nessa área.

Prova disso é, justamente, o breve trabalho que se apresenta, dedicado a alguns trabalhos realizados pelo investigador, mas cujas páginas não foram suficientes para, com justeza, detalhar os seus contributos dedicados à ocupação romana-republicana do Sudoeste português e debater as propostas e os pensamentos que divulgou acerca dos sítios mencionados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADROHER, A.; CABALLERO, A.; SANCHÉZ, A.; SALVADOR, J.; BRAO, F. (2006) – Estructuras defensivas tardorepublicanas en el ámbito rural de la Batestania. Morillo, A. (ed.), *Arqueología militar romana en Hispania II: Producción y abastecimiento en el ámbito militar*. León: Universidad: 625-638.
- ALARCÃO, J. de (1978) – Vidros do Castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*, 4: 145-154.
- ALMEIDA, F. de (1975) – O arqueólogo A. I. Marques de Costa. *Setúbal Arqueológica*, 1: 17-19.
- BAYO, S. (2014) – Identificación del uso del espacio y su momento histórico a partir de los contextos materiales. Sala-Sellés, F.; Moratalla, J. (eds.), *Las Guerras Civiles romanas en Hispania: una revisión histórica desde la Contestania*. Marq-Universidad de Alicante: 99-113.
- COSTA, A. M. da (1910) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal, Appendice. *O Archeologo Português*, XV: 55-83.
- COSTA, A. M. da (1926) – Setúbal antiga. Localização de Cetóbriga. *Revista Cetóbriga*, I, n.º 5.
- DETRY, C.; TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (2017) – Estudo zooarqueológico da ocupação romana-republicana do Castro de Chibanes (Palmela). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 20: 113-127.
- DIAS, L. (1978) – As marcas de «terra sigillata» do castelo de Alcácer. *Setúbal Arqueológica*, 4: 361-410.
- DIOGO, A. D. (1980) – *Cerâmica romana de Alcácer do Sal*. Lisboa.
- DIOGO, A. D.; ALVES, F. (1988-89) – Ânforas provenientes do meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e de Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*, IV, 6/7: 227-240.
- DOMÉNECH, C. (2014) – El conflicto sertoriano en el sureste peninsular a través de los registros numismáticos. Sala-Sellés, F.; Moratalla, J. (eds.), *Las Guerras Civiles romanas en Hispania: una revisión histórica desde la Contestania*. Marq-Universidad de Alicante: 91-97.
- FABIÃO, C. (1989) – *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Lisboa: UNIARQ.
- FABIÃO, C. (2004) – Arqueologia Militar romana da Lusitânia: textos e evidências materiais. Pérez González, C.; Illarregui Gómez, E. (coords.), *Arqueología Militar Romana en Europa*. Salamanca: Universidad-Junta Castilla y León: 53-73.
- FABIÃO, C. (2006) – The Roman army in Portugal. Morillo, A.; Aurrecochea, J. (coords.), *Roman army in Hispania: An archaeological guide*. León: Universidad: 107-126.
- FARIA, A. M. (1992) – Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*, 1: 39-48.
- MORILLO, A. (2004) – Romanización y fortificación: algunas cuestiones de concepto. Moret, P.; Chapa, T. (eds.), *Torres, atalayas y casas fortificadas. Explotación y control del territorio en Hispania (s. III a. C.-siglo I d. C.)*. Jaén: 205-207.
- MORILLO, A. (2014) – Campamentos y fortificaciones romanas en Hispania durante la primera mitad del siglo I a.C.: calibrando a Sertorio. Sala-Sellés, F.; Moratalla, J. (eds.), *Las Guerras Civiles romanas en Hispania: una revisión histórica desde la Contestania*. Marq-Universidad de Alicante: 35-49.
- MORILLO, A. (2016) – Campamentos y fortificaciones tardorrepublicanas en Hispania. Una nueva línea de investigación en arqueología militar romana. Pera, J.; Vidal, J. (eds.), *Fortificaciones y control del territorio en la Hispania republicana*. Zaragoza: 1-51.
- PERA, J.; RODRIGO, E.; ROMANÍ, N.; CARRERAS, C. (2019) – Puig Castellar de Biosca (Lleida). Una fortificación romana del siglo II a. C. en el noreste de la Hispania Citerior. *Gladius*, XXXIX: 19-43.
- PEREIRA, C.; DIAS, I. (2020) – Acciones y reacciones: testimonios de los conflictos civiles romanos en Extremadura. El caso de Cáceres Viejo (Casas de Millán, Cáceres, España). *Archivo Español de Arqueología*, 93: 101-124.
- PIMENTA, J.; TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; PEREIRA, T. (2019) – Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos. *Ophiussa*, 3: 45-79.
- RASTEIRO, J. (1897) – Notícias arqueológicas da Península da Arrábida. *O Arqueólogo Português*, 1ª série, 3: 1-48.
- SALA-SELLÉS *et al.* (no prelo) – El fortin romano tardorepublicano del Tossal de la Cala (Benidorm, Alicante). Autopsia y reinterpretación de un yacimiento histórico. *Archivo Español de Arqueología*, 94.
- SALIDO, P. (2009) – Los graneros romanos militares de Hispania. Morillo, A.; Hanel, N.; Martín, E. (eds.), *Limes XX. Estudios sobre la Frontera Romana/ Roman Frontier Studies*. Madrid: 679-694.
- SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, E.; FARIA, J. C.; FERREIRA, M. (2001) – Cerâmicas romanas do lado Ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 2: cerâmicas de verniz negro e cinzentas. *O Arqueólogo Português*, IV, 19: 199-233.
- SOARES, J. (1978) – Nótula sobre cerâmica campaniense do Castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*, 4: 133-143.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1973) – Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal). *Actas das II Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 1972), vol. I. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses: 245-305.

- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1980) – Castelo de Alcácer do Sal. Tavares da Silva, C.; Gonçalves, V. S.; Pinho Monteiro, J.; Soares, J.; Ferrer Dias, L. (eds.), *Descobertas arqueológicas no Sul de Portugal*. Setúbal: 47-55.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1982) – Castelo de Alcácer do Sal. *Informação Arqueológica*, 2: 73-76.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1984) – Castelo de Alcácer do Sal. *Informação Arqueológica*, 4: 99-101.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (2014) – O projecto de Investigação Arqueológica «CIB» e a campanha de escavações Chibanes/2012. *Musa. Museus, Arqueologia & Outros Patrimónios*, 4: 75-98.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C.; DUARTE, S.; PEREIRA, T.; SORIA, V. (2019) – Aspectos da presença militar romano-republicana no Castro de Chibanes (Palmela). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 22: 79-93.
- TAVARES DA SILVA, C. (2001) – A Idade do Ferro na região do baixo Sado. Contribuições recentes. *Arqueologia e História Regional da Península de Setúbal*. Lisboa: Universidade Aberta e Centro de Estudos Históricos Interdisciplinares, (Discursos. Língua, Cultura e Sociedade, 3ª série, 8): 79-100.
- TAVARES DA SILVA, C.; CABRITA, M. (1963) – *A Fauna malacológica do Castro da Rotura (Setúbal)*. Setúbal: Tertúlia Setubalense, Cultura, Ciência e Saber.
- TAVARES DA SILVA, C.; CABRITA, M. (1964) – Estações romanas da região de Setúbal. *Revista Cetóbriga*, 1 e 2.
- TAVARES DA SILVA, C.; CABRITA, M. (1965) – *Estação arqueológica do Pedrão (Setúbal)*. Lisboa: Centro de Estudos Científicos da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa.
- TAVARES DA SILVA, C.; CABRITA, M. (1966) – A utilização dos molúsculos durante o Eneolítico português. *Revista de Guimarães*, 76 (3-4): 307-338.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. M.; DIAS, L.; COELHO-SOARES, A. (1980-81) – Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, 6, 7: 149-218.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1997) – Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavação de 1996. *Estudos Orientais* 6: 33-66.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (2012) – Castro de Chibanes (Palmela). Do III milénio ao século I a.C. Fernandes, I. C.; Santos, M. T. (eds.), *Palmela Arqueológica no Contexto da Região Interestuarina Sado-Tejo*. Palmela: 67-87.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; DUARTE, S.; PEREIRA, T. R.; COELHO-SOARES, A. (2019) – Castro de Chibanes (Palmela). Trabalhos arqueológicos de 2012 a 2017. Soares, J.; Pinto, I. V.; Tavares da Silva, C. (eds.), *Do Paleolítico ao Período Romano Republicano*. Setúbal Arqueológica 18. Setúbal: MAEDS/AMRS: 215-246.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; SANTOS, M. F. (1973) – Moedas hispânicas do povoado do Pedrão (Setúbal). *Actas das II Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 1972), vol. I. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses: 7-13.

